

# Um psicólogo para cada dois mil alunos e milhares de problemas

**Bastonário** fala em falta de cobertura. Tutela diz que “temos de viver com o que temos”

**Inês Schreck e Alexandra Seródio**  
sociedade@jn.pt

**SÃO POUCOS**, menos do que o recomendável e teme-se que venham a ser afetados pelos cortes. Os psicólogos escolares não têm mãos a medir para tantos alunos e tantos problemas relacionados com a crise económica. Há anos que as escolas estão proibidas de os colocar nos

quadros e as vagas anuais têm mingado. Por outro lado, os alunos precisam cada vez mais de apoio e orientação psicológica. Embora o papel do psicólogo escolar seja reconhecido como determinante para o sucesso e o combate ao abandono escolar, o acompanhamento está longe do ideal.

As orientações internacionais recomendam um rácio de um psicólogo para 500 a 700 alunos, mas João Freire, do Sindicato dos Psicólogos, garante que, na melhor das hipóteses, há um para dois mil alunos. As contas não diferem das do Ministério da Educação que não apresenta um rácio, mas revela que há

## À LUPA

400

**psicólogos nos quadros**  
das escolas públicas. De 1974 a 1997 abriram apenas três concursos para psicólogos escolares efetivos.

### Fixação às escolas

A contratação anual tem sido contestada pelo Sindicato e Ordem dos Psicólogos que lutam pela fixação dos profissionais aos

programas e às escolas, de forma a poderem dar continuidade aos projetos que desenvolvem.

176

### vagas abertas

neste ano para colocação de psicólogos nas escolas, das quais 84 no Norte, 42 em LVT, 32 no Centro, 10 no Algarve e 8 no Alentejo.

400 psicólogos nos quadros das escolas, mais 176 contratados a prazo este ano letivo. Há ainda projetos como o Empresários pela Inclusão Social (EPIS), uma parceria de empresários e autarquias, que ajudam a colmatar as carências da rede educativa. A tutela reconhece que os psicólogos são essenciais, mas lembra que os recursos têm de ser rentabilizados ao máximo. “Temos de viver com o que temos”, afirmou, ontem, José Alberto Duarte, da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, no final do encontro “Ser Psicólogo em Contexto Escolar”, no Instituto Politécnico de Leiria. O responsável lembrou que as

escolas sem psicólogo “podem recorrer a professores conselheiros que também têm formação em psicologia”, mas descarta a intenção de substituir uns pelos outros. Assim como rejeita que se estejam a preparar mais cortes na área.

“Há necessidades permanentes de intervenção que não têm sido cobertas e a questão tem vindo a agravar-se”, reconheceu, por sua vez, ao JN, o bastonário da Ordem dos Psicólogos. A situação é tanto mais preocupante porque, “neste momento de crise, os jovens sentem muito as dificuldades das famílias”, referiu Telmo Mourinho Baptista. ●

**MATOSINHOS** Psicóloga fala em “pais desesperados”. A escola fica agora em “quarto plano” **Texto:** Inês Schreck



Joana Topa diz que “tem sido um ano muito pesado”

## “Preocupação é alimentar filhos”

Joana Topa, 31 anos, começou a trabalhar, em 2008, no projeto EPIS (Empresários pela Inclusão Social), em Matosinhos. É psicóloga e tem “debaixo de olho” 73 alunos de risco, do 7.º ao 9.º ano, que lhe descarregam nos braços histórias complexas, que se agravam nestes dias de crise.

Alunos que desmaiam de fome nas aulas de Educação Física – “já aconteceu mais do que uma vez”, diz –; alunos que em pleno inverno vestem apenas uma t-shirt; alu-

nos cujos pais emigraram e ficaram ao cuidado dos avós; alunos com pais presos por tráfico de droga; pais desesperados por não terem emprego; tentativas de suicídio... A lista é extensa. “Tem sido um ano muito pesado”,

**“PREOCUPAÇÃO DAS FAMÍLIAS É ARRANJAR EMPREGO. ESCOLA PASSOU PARA UM QUARTO PLANO”.**

admite Joana, que trabalha na EB2/3 de Custóias, mas ouve o mesmo retrato de colegas de outras escolas.

O programa EPIS, criado para combater o insucesso e abandono escolar, está presente em 141 escolas de 63 municípios de Norte a Sul do país com resultados positivos. Embora esse não seja o objetivo, esta parceria de empresários e autarquias tem vindo a colmatar a falta de psicólogos nas escolas.

Os mediadores EPIS (psicólogos e assistentes sociais) fazem o acompanhamento dos alunos de risco, das famílias e da escola numa intervenção de proximidade que só é possível com uma “carteira” de casos que não vá além dos dois dígitos. Este ano, em que os problemas financeiros estão presentes na maioria das histórias, Joana Topa confessa que a maior dificuldade tem sido trazer os pais à escola. “A primeira preocupação das famílias agora é arranjar emprego, encontrar forma de manter a casa, alimentar os filhos. A escola passou para um quarto plano e não é porque os pais estejam a borriifar-se para o sucesso escolar dos filhos, é porque estão desesperados em termos anímicos”, assegura, exemplificando com um encontro com pais que promoveu e em que apareceu apenas um dos 23 convidados. ●

**VALONGO** Jorge Humberto tem alunos que desmaiam “nas primeiras horas da manhã” **Texto:** Inês Schreck



Psicólogo acompanha 200 alunos num universo de 2700

## “Desespero passa para os miúdos”

Ou alguém bate à porta ou o telefone toca. De cinco em cinco minutos Jorge Humberto Costa é interrompido. Sentado atrás da secretária da pequena sala que ocupa na EB2/3 de Valongo, desculpa-se com um sorridente “isto é sempre assim!” Ou são alunos, ou são professores ou são pais, todos vão bater àquela porta onde se lê, em letras pretas, gabinete de apoio ao aluno. Jorge Humberto é o psicólogo do agrupamento de escolas Vallis Longus, fre-

quentado por 2700 alunos. Cerca de 200 estão sinalizados. “Só não são mais porque não é possível acompanhar mais”, admite, embora reconheça que há quem esteja pior. “Há mega-agrupamentos com um psicólogo para

quatro mil alunos, é um trabalho inglório”. Ainda pior, nestes tempos difíceis, em que “o desespero das famílias está a passar para os miúdos”.

Na mesma sala onde os alunos vão contar os seus problemas, há pais que desatam a chorar porque não têm emprego. “As famílias estão desesperadas, nota-se mesmo que querem trabalhar e não conseguem”, conta o psicólogo, habituado a detetar carências. “Temos muitas crianças a receber suplementos alimentares, são alunos que vêm para a escola sem comer nada e desmaiam nas primeiras horas da manhã. Já não acontece só nas aulas de Educação Física”, assegura, elogiando o trabalho das escolas no combate à fome.

Também o papel dos professores mudou nos últimos anos. “A sensibilidade que o professor tem de ter hoje é infinitamente maior do que tinha há uns anos. Hoje está muito mais preocupado em saber se o aluno está bem, do que em dar a matéria”.

Além do acompanhamento dos alunos, o psicólogo media conflitos, dá orientações aos docentes, faz a ponte com as famílias e ajuda na orientação vocacional. “O que mais me angustia é o receio de que algum aluno com uma problemática mais acentuada nos escape”, diz. ●

**“HÁ MEGA-AGRUPAMENTOS COM UM PSICÓLOGO PARA QUATRO MIL ALUNOS. É INGLÓRIO”**